

vimento renovador, podendo-se constatar, flagrantemente, no aparecimento das Geometrias de Riemann e de Lobatchewski, não euclidianas.

Pode-se dizer, portanto, que a Autoridade, «êsse descarado heroísmo de afirmar» não é recomendação que baste para que uma concepção seja cientificamente aceite ou mesmo para a sua segurança no altar da Veracidade: Um facto novo discordando, e logo a dúvida fecunda surge e dá lugar a que os buracos se tapem ou se construa um novo edificio. Comparando êste carácter transitório de certas concepções científicas com a fixidez dos conceitos religiosos, há quem depreenda uma inferioridade dos métodos da Ciência: —que nada afirma em definitivo, —como processo especulativo.

Puro erro: Essa transitóriedade só atesta a lealdade, a superior sinceridade da Ciência e a sua intenção inabalável de acertar. Longe de traduzir a impostura das afirmações científicas, representa, ao contrário, o desinteresse pela aparência e uma útil e fecunda irreverência pelo tradicional, procedente duma ânsia constante de aperfeiçoamento.

E é ainda esta liberdade de critério, êste sistema, por assim dizer, de **porta aberta**, que fornece à Ciência a sua vitalidade, a sua grande possibilidade construtiva—impedindo-a de ser reduzida a um sistema fechado, rígido e, portanto, caduco.

Tudo isto está bem patente no espirito da célebre frase: «para a Ciência não há impossíveis»; quer dizer, a Ciência não considera nada impossível: apenas quando muito, **infinitamente improvável**. Praticamente será o mesmo, mas a forma, a maneira de dizer, tinha de estar de acôrdo com o espirito de liberdade, de **abertura**, que preside à actividade científica. (1)

//

Não foi, porém, sem lutar e sem sérios sacrificios que se obteve êste estado de coisas: Galileu—recondêmo-lo—o primeiro que, eficientemente, abandonou o trono da Autoridade a que

(1)—Assim, não fará sentido que haja quem, em nome da Ciência, se recuse a acreditar em factos.

(Continúa na página 7)

Passaie semi-real

(Continuação)

mesa de trabalho e representa qualquer libertinagem mitológica.

—Será esta a encantadora castelã?—inquirio eu do Doido.

—Fáceis de contentar são os teus apetites!—volve-me êie, entre irónico e despresivo.

—E' então esta a idea que fazes duma Deusa?

Passamos. Deriva, na base de encovado barrocal, um argentino ribeiro, com ressaltos de cantantes cachoeiras. Os que me acompanham disputam sôbre qualquer negócio e o **chauffeur** entretem-se a aterronizar as manadas de cornúpetos, que mansamente veem para nos, na fita-de-nastro da estrada. Um viateiro, no auge de espanto e medo, salta uma sepe e rompe através de fresco manaral. A mãe, furibunda, baixa as galgas, assopra contra a areia do chão e garante que anremetia, se nao fosse o ter amor a vida. Entrementes, o vaqueiro, vara em gaste, aos berros de torturado, corre aqui e aem, na mira de outra vez conglomerar o dupeso rebanno.

Passamos. Deixo a paisagem e volto-me para dentro de mim-mesmo. Converso com o Doido. Destamo-nos, dum bote, a voragem da Metempsica. Explica-me êie como foi que Deus se criou a si-mesmo, para depois criar o Universo. Redruco-me eu que me parece mais fácil de entender ter o homem criado Deus, para que depois êste criasse aqueie... O Doido, que é a incarnação da anti-logica, concorda. Ao fendar uma curva, porém, a graça duma povoação logo me desvia do Reino da Nebulose.

Um dos meus parceiros objectivos pronuncia o nome da terrinha. São três lindas sítabas—que mais linda me fazem parecer o povoado. Ergue-se ao centro um castelo roqueiro, meio ruínas, meio prosapia. Contrasta, no seu tom verde-castanho-negro, com o bruno novo do casario caiado.

Entramos na terreola. Escapam, dum lado e doutro, patos e perús, galinhas e cevados. Grunnidos e cacarejos. A garotada, maltrapilina e de nariz ranhoso, grita, gesticula, corre atrás de piôs. Um mais farçola posta-se diante do carro, a vinte metros—e abre os braços, como quem nos intima a parar. Só à distância de alguns passos se arreda da frente entre o regosijo dos outros e os improperios da senhora mãe, que se abeira, mão levantada, a castigar o despautério.

Ao passarmos por um dos últimos casais, o Doido aponta-me um postigo. Olho. Uma rapariga, de alvos braços nus, decote nada aldeão, debruça-se e sorri—julgo que para mim. Mentalmente, beijo-lhe a garganta. Conclui que ela sentiu o meu propósito—porque humedeceu com a lingua de coral os lábios tenros...

Passamos...

... ..

Regressamos pela noite. Trilavam as cigarras—de vez em quando um mocho piava dos arcânos dum soto. No céu, sem lua, o fosforejar musical das constelações. A' minha costela esquerda, um dos passeantes ressona. Lebres atravessam a estrada, bêbadas com a luz dos faróis. Parece-me que o Doido também adormeceu—porque já não o ouço prometer-me os gôsos supra-terrenos, com que a toda a hora se propõe brindar-me. Amortalha-me o coração uma melancolia verdoenga, que, manso e manso, vai destilando lágrimas amargas. Pesa-me a dôr do insucesso. Se o Doido estivesse presente—estrangulava-o. Para quê, confiar em miragens? Mais forte que o prazer de as saborear—é a desillusão de as sentir depois vãsias.

Nêste ponto, o Doido, inesperadamente desperto, intervém, gritando:

—Maldizes das miragens?! Que seria de ti—de todos os homens—se não fôssem as miragens! se não fôssem as mais illusórias das vossas illusões!